

Amigos, amigos... arapongas à parte

DIPLOMACIA Dilma e Obama quebram o gelo, após o constrangimento da espionagem

POR EDUARDO GRAÇA

DOIS ANOS APÓS o adiamento de sua primeira viagem aos Estados Unidos, resposta diplomática à revelação de que o Tio Sam espionara autoridades brasileiras, Dilma Rousseff pisou em solo norte-americano e foi elegantemente recebida pelo presidente Barack Obama. Um dia antes do encontro em Washington, a presidenta reuniu-se com empresários e investidores em Nova York para vender o pacote de concessões. Um dia depois, visitou a sede do Google na Califórnia e andou em um dos carros sem motorista da empresa. “Acabo de descer do futuro”, afirmou, ao desembarcar do automóvel guiado a distância por programas de computador. Entre uma e outra cidade, conversou com quatro ex-secretários de Estado (Henry Kissinger, George P. Schultz, Madeleine Albright e Condoleezza Rice). Na quarta-feira 1º, no encerramento da visita, declarou-se satisfeita com a missão.

Segundo James Green, brasilianista da Universidade Brown, a viagem também foi produtiva para os americanos: “A reação dos empresários e investidores foi a de reconhecer a crise econômica e política por que passa o Brasil, mas, ao mesmo tempo, de enfatizar o fato de considerarem o mercado brasileiro como prioritário e acreditarem em uma reação em médio prazo, alavancada, in-

clusive, pela própria recuperação da economia americana. Não foi apenas o lado brasileiro que saiu satisfeito”.

Em Washington, Dilma tratou Obama de “querido presidente” e o presenteou com um moletom olímpico personalizado com as cores do Brasil. Este, por sua vez, agradeceu a recepção calorosa à sua família na visita ao Brasil em 2011, disse pretender assistir *in loco* aos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro no próximo ano e interrompeu o protocolo da coletiva de imprensa conjunta na Casa Branca para afirmar, com agilidade diplomática, que, ao contrário da afirmação atribuída por uma repórter da Globo News a Washington, os Estados Unidos consideram o Brasil uma potência global, e não regional.

“O Brasil”, afirmou Obama, “é um importante jogador no tabuleiro global. Se quisermos ser bem-sucedidos, por exemplo, em nossas ambições relacionadas à

O presidente dos EUA rebateu uma jornalista da Globo News: “O Brasil é potência global”



saúde global, à mudança climática, no combate ao terrorismo e na redução da pobreza extrema, consideramos o Brasil um parceiro indispensável de Washington.”

Obama também escapou de outra saia justa, quando um jornalista da *Folha de S.Paulo* tentou arrancar alguma declaração sobre o escândalo da Petrobras, em decorrência dos processos contra a petroleira abertos nos EUA por investidores. Disse não comentar ações em tramitação na Justiça e mudou rapidamente de assunto.

Nota da redação: as perguntas dos correspondentes nativos só tiveram o efeito de causar perplexidade geral. Ou

SAUL LOEB/AFP



alguém acredita, fora os próprios perguntadores, que o chefe de Estado de uma nação amiga teceria comentários desairosos e inconvenientes, sob o risco de provocar uma crise diplomática, a respeito de um colega em visita a seu país?

O presidente dos Estados Unidos reiterou a crença de ambos nos valores democráticos, “cuja determinação de Dilma”, segundo ele, “foi dada nos sacrifícios que pessoalmente fez em sua vida”, e buscou encerrar o episódio da espionagem revelada por documentos divulgados pelo ex-funcionário da inteligência ameri-

cana Edward Snowden com a afirmação, feita de forma pausada: “Confio em Dilma, completamente”. Não pediu desculpas, porém. E não se sabe se o Brasil conhece a dimensão da bisbilhotagem (às páginas 32 e 33, em parceria com a Agência Pública, *CartaCapital* elenca os principais alvos nativos dos O07 norte-americanos). A presidenta, por sua vez, não perdeu a oportunidade para uma leve alfinetada no anfitrião. Segundo ela, a partir de agora, quando quiser informações sobre o Brasil, basta Obama lhe telefonar.

Em Nova York, empresários cobraram maior abertura do mercado brasilei-

ro, mas se declararam dispostos a participar dos leilões de portos, estradas, ferrovias e aeroportos anunciados pelo governo. Em São Francisco, enquanto Condoleezza Rice elogiava a liderança de Brasília em uma das questões centrais na seara política norte-americana contemporânea, a diminuição da desigualdade social, Mark Zuckerberg, fundador do Facebook, afirmava que o programa “Ciência Sem Fronteiras” era um exemplo para o planeta.

A viagem não foi, porém, marcada só por elogios e anúncios de avanços concretos na agenda bilateral dos dois países, incluída a parceria no setor ambiental da Boeing com





No último dia, uma visão do "futuro", segundo a presidenta

a Embraer e o tratado de cooperação entre o Ministério da Defesa brasileiro e o Departamento de Defesa norte-americano, demanda de Washington. A crise política interna perseguiu a presidenta durante o tour. Em Nova York, ela tratou pela primeira vez em público das acusações, vazadas na véspera de seu embarque, do empreiteiro Ricardo Pessoa, da UTC. Este, em delação premiada, afirmou ter sido chantageado pelo ministro Edinho Silva, tesoureiro da campanha à reeleição: ou faria doações eleitorais ou correria o risco de perder contratos com a Petrobras.

Apetista pronunciou-se de maneira firme a respeito da Operação Lava Jato. Disse que todas as doações à sua campanha foram legais, que o seu adversário no segundo turno, Aécio Neves, do PSDB, recebeu contribuições semelhantes da empreiteira e atirou: "Não respeito delatores". Embora tenha sancionado em seu primeiro mandato a lei que prevê a delação premiada como instrumento de investigação federal, a presidenta comparou as acusações do em-

Dilma decidiu superar o caso das escutas ilegais em troca de investimentos

preiteiro às informações dadas por presos políticos torturados pelo aparato repressivo da ditadura e à histórica e abjeta figura de Joaquim Silvério dos Reis, o traidor-mor da Inconfidência Mineira.

Se os jornalistas brasileiros estavam mais interessados na Lava Jato, a mídia nos Estados Unidos cobriu de forma tímida o encontro. O jornal *Washington Post* publicou uma entrevista exclusiva com a presidenta antes do embarque para os EUA e um duro editorial intitulado *Brasil Dá Passos para Trás*. A peça de opinião argumenta que o País vive uma "crise democrática" sem tamanho desde o fim da ditadura e abraça a tese do estelio-

nato eleitoral. Ao falar da situação atual, o jornal ignora outros momentos de instabilidade política, a começar pelo processo de *impeachment* contra Fernando Collor. "A presidenta venceu de forma apertada no ano passado, acusando seu adversário de elaborar uma política econômica de rendição aos bancos e ao FMI. Pois foi justamente o que ela fez ao iniciar seu segundo mandato", anota o editorial. Na sede do *Wall Street Journal*, em Nova York, Dilma esteve com Rupert Murdoch, dono da rede de comunicações mais conservadora do país, que inclui o canal de notícias Fox News. O governo publicou um encarte na edição da segunda-feira 29 do jornal, o de maior circulação nos Estados Unidos, com detalhes do plano de concessões em infraestrutura.

O *New York Times* produziu dois textos sobre a viagem, um centrado no anúncio das intenções conjuntas de redução de emissão de gás carbônico em preparação para a conferência das mudanças climáticas da ONU em Paris, em dezembro, a COP-21, e outro no qual analisa as razões para a "mudança de atitude do governo Dilma em relação a Washington". A reportagem lembra que o governo Obama jamais se desculpou publicamente pela revelação dos atos de espionagem contra Brasília, uma demanda do governo Dilma. E que a viagem aos EUA se dá no momento em que a presidenta colhe seus piores índices de aprovação popular. "O País vive uma recessão, o desemprego cresce no mesmo ritmo da inflação e do endividamento dos consumidores e o Banco Central segue a aumentar os juros e a reduzir as possibilidades de crescimento econômico. Incrementar as relações do Brasil com os Estados Unidos e oferecer o canto do cisne para investidores e o capital americano são fundamentais para a recuperação", aponta o *Times*. É difícil medir os frutos imediatos da visita. No mínimo, serviu para tirar da geladeira uma relação abalada desde as revelações de Snowden. •